

Entrevista

IFCE COMO PONTE PARA A TRANSFORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA: ENTREVISTA COM JOSÉ WALLY MENDONÇA MENEZES



José Wally Mendonça Menezes

José Wally Mendonça Menezes é ex-aluno da antiga Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE), do curso técnico de Telecomunicações. Graduado (licenciado e bacharel), mestre e doutor em Física pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É Professor do IFCE desde 2010, quando começou a lecionar no Departamento de Engenharia de Telecomunicações e no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Telecomunicações (PPGET), campus de Fortaleza. Já atuou em cargos de gestão no IFCE, entre os quais coordenou cursos, foi coordenador de Inovação, coordenador de Pós-Graduação e assessor da Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação. Entre 2017 e 2020 ocupou o cargo de Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do Instituto. Desde 2021 é reitor do IFCE, eleito pela comunidade acadêmica.

É com honra que realizamos esta entrevista com o professor Dr. José Wally Mendonça Menezes, reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Antes de iniciarmos as perguntas, farei uma breve apresentação da equipe responsável por essa produção.¹ Estivemos na reitoria do IFCE, representando a Revista DoCEntes, publicação vinculada à Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC), da qual ambas somos editoras.

O professor José Wally Mendonça Menezes, além de exercer o cargo de reitor do IFCE, atua como pesquisador no Laboratório de Fotônica e Eletromagnetismo Aplicado/IFCE e colaborador do Laboratório de Telecomunicações e Ciência e Engenharia de Materiais (LOCEM/UFC). Possui experiência na área de Física aplicada às Telecomunicações, Eletromagnetismo, Áreas Clássicas da Fenomenologia e suas aplicações, atuando principalmente nos seguintes temas: sistemas de telecomunicações, grafeno, Internet das Coisas (IoT), Big Data, fotônica, redes de sensores, comunicação óptica, telessaúde e cidades inteligentes (smart cities).

1. Entrevista realizada pelas professoras Dra. Rosilene Aires - doutora em Geografia e técnica do Centro de Documentação e Informações Educacionais (CDIE)/COGEM e Dra. Suiane Costa Alves - doutora em Educação, com diplomatura em Gestão da Internacionalização Universitária Latino-Americana, e atua como técnica na Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM).

Considerando esse sólido percurso acadêmico e científico, a entrevista, realizada presencialmente em 11 de julho de 2025, teve como objetivo identificar as políticas educacionais implementadas no IFCE, seus impactos nos indicadores de desempenho acadêmico e sua contribuição para a redução das desigualdades educacionais. Foram discutidos temas centrais como a expansão do acesso à Educação Superior, o processo de internacionalização e a implementação da Política Nacional do Ensino Médio (PNAEM), considerando o papel do IFCE tanto no Ensino Médio Técnico quanto no Ensino Superior. O diálogo também buscou compreender de que forma a trajetória pessoal e profissional do reitor tem influenciado sua gestão à frente da instituição, bem como obter uma mensagem final para a sociedade e a comunidade educacional, o que resultou em um profícuo debate que pode ser conferido a seguir.

Para dar início a essa interlocução, o professor Wally iniciou sua intervenção com uma reflexão sensível acerca da realidade vivenciada pelos estudantes da rede pública. De acordo com o professor, esses jovens podem ser considerados verdadeiros guerreiros, pois mesmo diante de desafios significativos, como a ausência de um ambiente doméstico adequado para os estudos e, em muitos casos, a falta de apoio familiar, conseguem se destacar na busca por melhores condições de vida por meio da educação. "Acredito que levar a experiência da nossa educação para outros países que se dizem tão bem educadores quanto nós é muito estratégico", afirmou o reitor.

Diante desse cenário de desafios e perspectiva, buscamos compreender como tem sido a condução da gestão do IFCE diante dessas demandas.

Revista DoCEntes: Como o senhor avalia os principais avanços e desafios enfrentados durante sua gestão à frente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)?

José Wally Mendonça Menezes:
Avaliar uma gestão exige olhar para o que foi construído, mas também reconhecer aquilo que já existia. Por isso, começo destacando algo que considero fundamental:

"O respeito aos legados"

Quando se assume uma liderança, muitos gestores têm a tendência de esquecer aqueles que os antecederam. No entanto, o IFCE, assim como outras instituições, reconhece a importância de valorizar os legados, de respeitar o trabalho realizado pelos gestores anteriores, que se dedicaram ao máximo dentro das condições e dos recursos disponíveis no pretérito.

A grande entrega, que considero extremamente significativa e marcante, não são apenas os muitos projetos de inovação e pesquisas que o IFCE desenvolve, mas a implantação dos restaurantes acadêmicos, garantindo que todos os *campi* tenham restaurante universitário.

Para quem conhece a realidade do Nordeste, do interior do Ceará, sabe que algo em torno de 90% das famílias dos nossos estudantes possuem renda inferior a um salário mínimo e meio. E onde esses estudantes se alimentam? No IFCE. Eles se alimentam de conhecimento, mas também de refeições nutritivas e balanceadas. Esses são os legados que faço questão de deixar bem claros.

Outros legados, intimamente ligados a esses, dizem respeito à qualidade da educação ofertada pelo IFCE. Estudantes do interior do estado do Ceará têm aulas com

professores mestres e doutores, vivenciam experiências de extensão altamente significativas, desenvolvem projetos e atraem grandes talentos para dentro da instituição.

Ressalto que, quando falo em grandes talentos, refiro-me àqueles alunos que desejam aprender uma profissão, desejam aprender a ler e escrever com o rigor que a academia exige, desde o estudante que entra no Ensino Médio até a Pós-Graduação. Esse é um legado e uma marca desta gestão.

Revista DoCEntes: Qual é a sua percepção sobre as políticas educacionais em relação aos índices de aprendizagem e de desempenho dos estudantes do Ensino Médio Técnico e Superior do IFCE?

José Wally Mendonça Menezes:
Essa é uma questão central quando se pensa em qualidade

da Educação. Os resultados em educação, em geral, são lentos.

Hoje, investimos em educação, mas o reconhecimento desse investimento ocorre, muitas vezes, apenas três ou quatro anos depois. As políticas de cotas, por exemplo, são fundamentais porque buscam corrigir erros históricos, não apenas do Brasil, mas de várias nações.

Da mesma forma, as políticas de inclusão e de promoção da equidade de gênero na academia são indispensáveis. Elas garantem que meninas e mulheres possam ocupar espaços de protagonismo em instituições educacionais.

Infelizmente, essas políticas ainda são negligenciadas por algumas instituições não públicas, que precisam reconhecer sua importância.

Quando nos afastamos dos grandes centros, como Fortaleza, e observamos o interior, encontramos contextos onde a cultura da masculinidade é muito presente. Isso se reflete em diferentes formas de violência contra a mulher, como o assédio, entre outras. Por isso, é essencial que a instituição demonstre seu compromisso com essas questões por meio de ações concretas.

Os indicadores educacionais também são relevantes, pois funcionam como um farol que orienta a gestão e permite avaliar se estamos, minimamente, garantindo um ensino público de qualidade, gratuito e inclusivo.

Sabemos que, muitas vezes, nossas infraestruturas não são ideais, mas ainda assim são as melhores possíveis dentro das condições

disponíveis. É por isso que precisamos continuar investindo em infraestrutura, capacitação docente, formação de gestores e desenvolvimento de talentos. No entanto, é preciso ressaltar que:

“Os indicadores precisam ser humanizados”

Eles são importantes, sim, mas devem ser analisados a partir de um olhar crítico, sensível às realidades locais. Hoje, quando falamos em educação, não tratamos apenas de acesso, permanência ou êxito acadêmico. A formação vai além do diploma.

Os estudantes precisam ter acesso ao mundo do trabalho e às oportunidades reais de transformação social. É necessário acolher, preparar e dar suporte.

A ideia de “empreender” pode ser inspiradora, mas também perigosa, quando transferimos ao estudante uma responsabilidade que, muitas vezes, é do Estado. Por isso, devemos ter cuidado ao estimular o empreendedorismo sem oferecer as condições adequadas para que ele ocorra de forma justa e eficaz.

O professor precisa conhecer a realidade do estudante que está em sala de aula, compreendendo que cada discente tem uma história, uma realidade e necessidades diferentes. Cito, por exemplo, os alunos que dependem do transporte escolar: enquanto as aulas terminam às 22h, o ônibus escolar municipal sai às 21h. Veja o dilema a que esse jovem é submetido.

Diante de tantas especificidades, reafirmo que os indicadores educacionais devem ser analisados de forma humanizada, respeitando

as particularidades de cada contexto.

Revista DoCEntes: Em relação à implementação da Política Nacional do Ensino Médio (Lei nº 14.945/2024), quais mudanças estão sendo realizadas nos currículos para atender à nova proposta e como vem ocorrendo sua aplicação prática no IFCE?

José Wally Mendonça Menezes:

A pergunta é muito pertinente, e posso dizer que, no caso do IFCE, a implementação da PNAEM foi relativamente tranquila, porque ela já fazia parte do nosso DNA. Já vínhamos trilhando esse caminho, embora eu tenha algumas críticas ao Novo Ensino Médio.

“Não podemos formar apenas técnicos, apertadores de parafusos, executores de tarefas”

Precisamos formar cidadãos com conhecimento técnico, mas também com habilidades emocionais, comportamentais e de relacionamento interpessoal.

A implementação dessa política no IFCE foi levada muito a sério. Todos os cursos têm uma disciplina chamada “Projeto Social”, em que os discentes são convidados a desenvolver ações nas comunidades onde moram.

Estudantes do Ensino Médio Técnico, com 15 e 16 anos, vão até os bairros onde moram para identificar as necessidades locais, ajudar os residentes, propor melhorias para a comunidade, entre outras atividades sociais. Nessa iniciativa, o estudante tem liberdade para escolher o tipo de trabalho comunitário que deseja realizar.

Com isso, promovemos a curricularização da extensão ainda no Ensino Médio, e os alunos têm a oportunidade de participar de grupos de pesquisa e desenvolver projetos junto com estudantes da Graduação e da Pós-Graduação, em nível de mestrado e doutorado.

Eu mesmo só fui saber o que era mestrado e doutorado na metade da minha Graduação. Ficava pensando o que faria depois de concluir o curso, e só então me apresentaram essas possibilidades. Hoje, nossos alunos conhecem essas trajetórias já no Ensino Médio, o que amplia seus horizontes.

Entendo, por isso, a importância de uma formação integral. Disciplinas como Literatura, Filosofia, Educação Física, Sociologia, entre outras, são fundamentais. Quando se fala em Novo Ensino Médio, muitos pensam em cursos como Informática, Mecânica ou Eletrotécnica. Mas hoje enfrentamos o desafio da Inteligência Artificial, que pode transformar ou até substituir muitas dessas profissões. No fim, ou no começo, o que permanece é o ser humano, o cidadão.

Portanto, não podemos basear nossa avaliação apenas em indicadores numéricos. O Novo Ensino Médio é importante? É. Teve avanços? Teve. Há críticas? Muitas. Mas é um processo em construção. E nesse processo, é fundamental ouvir os professores.

O Novo Ensino Médio deve considerar as perspectivas de discentes e docentes. Mas será que os professores tiveram oportunidade de acessar esse novo mundo em transformação?

Muitas vezes, os estudantes têm habilidades tão desenvolvidas que os docentes precisam reconhecê-las para poder orientar melhor. Nossos profissionais precisam de formação, tempo para corrigir provas, planejar aulas e realizar todas as tarefas pedagógicas envolvidas.

É preciso considerar o tempo do professor, o tempo do estudante, o tempo dessa nova geração. Um estudo recente mostra que essa geração tem um tempo de concentração entre 15 e 20 minutos. Isso exige a integração entre teoria e prática em sala de aula, conectando o conteúdo às descobertas atuais, para que a aula não se torne obsoleta.

Preocupa-me que algumas pessoas acreditem que a educação formal perdeu valor.

"Educação formal é essencial"

Matemática é importante. Português é importante. Peça para um aluno escrever um texto e veja o desafio que isso representa.

Nossos estudantes resolvem questões de Física, Matemática e Química com excelência, mas ainda precisamos fortalecer a produção textual. E essa prática deve começar desde a Educação Infantil.

Aqui no IFCE tivemos uma experiência riquíssima. Recebemos um grupo de estudantes do Infantil 3. As crianças vieram, sentaram nesta mesma cadeira em que estou agora, visitaram a Pró-reitoria, observaram, conversaram.

Quando entraram aqui, viram um mundo novo, algo que nunca tinham imaginado. Daqui a dez

anos, talvez digam: "Entrei naquele prédio, quero trabalhar lá". É isso que estamos construindo: a memória, o sentimento de pertencimento.

Esse é o legado do IFCE e, nesse processo, a importância das memórias afetivas.

Revista DoCEntes: Na sua avaliação, de que maneira as políticas educacionais têm contribuído para a redução das desigualdades regionais e sociais, considerando que o IFCE possui *campi* nas diversas regiões do Ceará?

José Wally Mendonça Menezes:

A presença dos *campi* do IFCE em diferentes regiões do Ceará é, sem dúvida, um passo importante no enfrentamento das desigualdades regionais e sociais.

No entanto, às vezes acreditamos que simplesmente implantar um campus do IFCE em determinada região vai, por si só, resolver essas desigualdades. Não vai. Mas é um passo fundamental na direção certa. Instalar um campus próximo da residência dos estudantes reduz barreiras como o deslocamento e proporciona acesso à educação pública de qualidade, especialmente, em municípios onde a iniciativa privada ainda não chegou ou sequer demonstra interesse em chegar.

É melhor construir um campus do IFCE em um bairro nobre ou em uma região marcada pela violência? Nós escolhemos as áreas mais vulneráveis porque acreditamos na força transformadora da educação pública.

A experiência tem mostrado que essa escolha tem impacto

real: muda destinos, desenvolve comunidades e deixa um legado duradouro. Campus do IFCE e da UECE, por exemplo, são respostas concretas às necessidades da sociedade.

Muitas vezes são alvos de críticas como: "Para que construir um campus no meio do nada? Vai virar um elefante branco". Mas nós sabemos. Não é um elefante branco. É um ponto de educação, é um ponto de luz como eu costumo dizer: é um farol de transformação.

O que ouvimos dos estudantes é tocante. Muitos perguntam: "Professor, quanto eu pago para estudar aqui?" E eu respondo: "Nada. Este espaço foi construído para vocês".

Além disso, os alunos têm acesso a bolsas de extensão, iniciação científica, auxílio-óculos, auxílio paternidade e maternidade, entre outros benefícios. Friso:

"Eu não sou reitor, estou reitor. Mas, acima de tudo, sou educador"

E ser educador é ter sensibilidade para ouvir e atender às necessidades reais dos nossos estudantes. Esse é o verdadeiro papel do IFCE.

Quando dizem: "Ah, o campus do IFCE está longe do centro de Umirim", eu respondo: "Está perto de quem mais precisa". Um campus com professores mestres e doutores no meio do que muitos chamam de "nada" é, na verdade, uma presença necessária. É justamente lá que o nosso trabalho faz mais sentido. Com o tempo, esses espaços crescem, atraem investimentos e transformam a realidade local.

Nossos estudantes do interior do Ceará participam de eventos nacionais e internacionais, desenvolvem projetos inovadores, ganham medalhas em olimpíadas de Física, Química, Matemática, Astronomia, Administração e Tecnologia. E mais: "são reconhecidos". Somos a instituição com o maior número de premiações conquistadas por alunos vindos do interior. Isso é transformação social. Lenta, mas sólida.

Lembro-me de um episódio marcante: fui procurar um aluno que estava infrequente e acabei conversando com um líder do tráfico. Ele me disse: "Professor, eu não tenho mais jeito. Estou condenado. Mas salva o meu irmão. Ele tem jeito. Coloca ele para estudar". Esse é o poder da educação.

É por meio da educação que buscamos oferecer uma alternativa real aos caminhos aparentemente mais fáceis, mas cheios de riscos, que prometem retorno financeiro rápido, mas trazem consequências graves para a vida dos jovens.

Nosso desafio é mostrar aos estudantes os benefícios concretos da educação no médio e longo prazo, despertando neles o sentimento de pertencimento. Para isso, é essencial abrir as portas dos campus, permitir que conheçam de perto esse espaço e percebam, com os próprios olhos, as oportunidades concretas que a formação educacional pode proporcionar.

Alguns questionam: "E o IFCE da Avenida Treze de Maio?" E eu digo: "Esse campus está aí há 75 anos. Olhe como era aquela região

quando ele foi instalado. Quase não havia infraestrutura".

A educação chegou primeiro. E o desenvolvimento veio depois.

"A grande entrega do IFCE é essa. Ser presença. Ser ponte. Ser oportunidade"

Nosso compromisso é esse: levar educação pública de qualidade para onde ela mais faz falta, promovendo transformação social.

Revista DoCEntes: Em relação à inclusão digital, quais iniciativas estão sendo adotadas para garantir o acesso equitativo às tecnologias nos campi do IFCE e promover a capacitação de estudantes e professores para o uso eficaz dessas ferramentas no ambiente educacional?

José Wally Mendonça Menezes: Para atender a essa demanda crescente por inclusão digital, temos promovido uma série de capacitações e formações em parceria com diversos ministérios, sempre com o olhar atento para os diferentes públicos que atendemos.

Há aqueles que não têm nenhuma experiência com letramento digital, os que possuem alguma familiaridade e os que já dominam bastante esse universo. E o que essa caminhada nos ensinou? Que a inclusão digital precisa dialogar com a realidade de cada grupo.

Não é possível pensar uma formação única para um jovem de 14 anos e para uma pessoa de 40 ou 50 anos. Eles têm tempos, demandas e contextos muito distintos. Isso precisa ser levado em consideração, porque muitas vezes recebemos projetos prontos,

"bonitos no papel", mas que não ouviram as comunidades. E aí eu pergunto: esse projeto atende às reais necessidades de quem mais precisa?

Estamos falando de inclusão digital, letramento digital, educação digital, mas para quem? Como integrar as comunidades indígenas, quilombolas, ciganas e os povos tradicionais? Essa é a pergunta central.

Vamos lançar, por exemplo, um curso de Inteligência Artificial voltado para pessoas acima dos 50 anos. Hoje em dia, todos se dizem especialistas em Inteligência Artificial, mas poucos sabem, de fato, como usá-la para algo prático.

Nossas ações de capacitação têm sido contínuas: já alcançamos 5 mil, 10 mil, 60 mil pessoas por formação. Só em Fortaleza, mais de 700 mil cidadãos já passaram por nossas formações.

Vivemos hoje o desafio da "geração nem-nem": jovens que não têm acesso nem à educação, nem ao mundo do trabalho, nem às oportunidades. O IFCE tem feito um trabalho importante ao formar profissionais para o mercado, mas é uma luta constante, que exige cada vez mais.

Cito como exemplo o Mestrado Profissional em Educação Inclusiva. Quando propus levá-lo para o campus de Paracuru, ouvi: "Mas por que no interior?" Justamente por isso, respondi. Estamos falando de um curso voltado para pessoas com deficiência, e precisamos romper as barreiras que ainda impedem sua plena inclusão.

Desenvolver tecnologias digitais acessíveis é parte fundamental desse processo. Costumo dizer: "Está tudo pronto e nada feito". Ou seja, já temos muitos recursos, mas ainda falhamos em chegar na base, nas pontas. E quando digo "a gente", estou me referindo a todas as instituições, não somente ao IFCE.

"A educação precisa, urgentemente, ouvir a sociedade"

Muitos repetem que devemos capacitar os estudantes para o mercado de trabalho. Discordo. Devemos prepará-los para o mundo das oportunidades. O mercado de trabalho é apenas uma parte disso.

A digitalização precisa ser, de fato, universalizada, e essa conversa vem desde a minha infância. Ainda não resolvemos isso, e só conseguiremos avançar com uma política de Estado.

Alguns dizem: "Não adianta entregar *tablet* para as crianças, ou chip para os estudantes". Mas adianta, sim. A questão é: que ferramentas educacionais podemos disponibilizar nesses dispositivos? "Ah, mas daqui a dois anos estará desatualizado". Não, se colocarmos os conteúdos na nuvem, eles poderão durar 10, 15, até 20 anos.

Para além da formação e capacitação, precisamos entender: qual é o fluxo de transformação que queremos construir a médio e longo prazo? Essa é a verdadeira pergunta.

Vejamos o exemplo dos professores do interior do Ceará. Alguns deles exercem a profissão com dedicação, com amor, mesmo sem terem passado por um ciclo de formação tradicional. Lembro

da minha própria professora, que me ensinou até a quarta série. Ela não tinha nem metade da formação que hoje se exige, mas foi essencial na minha trajetória.

Mas será que essa professora, que tanto contribuiu, não merece uma oportunidade de se inserir nesse novo mundo? O que mais ouvimos é: "Ah, o professor não quer". Mas será mesmo que ele não quer? Ou será que nunca teve as condições adequadas? É preciso valorizar o legado e o esforço desses profissionais.

Tenho muito receio desses modismos que surgem, como a ideia de que todos agora têm que dominar a Inteligência Artificial. Não é por aí. As pessoas precisam aprender o que querem, o que faz sentido para suas realidades.

Outro discurso recorrente é: "Leva os professores para a Finlândia, para a Coreia, para a China". Eu pergunto: por que não trazemos esses especialistas para cá e mostramos a eles a nossa realidade? Vamos ver se eles dão conta do que enfrentamos diariamente. Aqui, cuidamos do menino, do jovem, da comunidade. A nossa tarefa é séria.

A verdade é que muitos dizem que nossas metodologias não servem, mas será mesmo? Também temos práticas valiosas, desenvolvidas a partir da nossa vivência. É claro que temos falhas e fragilidades, assim como na Finlândia, na Coreia e na China também existem falhas e fragilidades.

Isso não significa que devemos importar tudo pronto. O caminho é outro: vamos dialogar, aprender o que for bom, mas sem esquecer

que aqui também há conhecimento, competência e muita luta.

Revista DoCEntes: Como o senhor avalia o processo de internacionalização da Educação Básica e Superior, a internacionalização do currículo, bem como a sua articulação com a política curricular adotada pelo estado do Ceará? Qual o papel da Assessoria de Relações Internacionais nesse processo? Como o senhor observa a mobilidade de professores e estudantes nos diversos campi do IFCE?

José Wally Mendonça Menezes: Quando falamos em internacionalização, é importante também olhar para a realidade dos nossos estudantes.

Vou pegar uma palavra sua: "internacionalização". Temos alunos do curso técnico com 14, 15 anos que nunca viram o mar, que nunca subiram numa escada rolante. E, mesmo assim, por meio do Programa IFCE Internacional, esses estudantes do curso técnico estão indo para a Europa, América Latina, Estados Unidos e Oriente.

Isso mostra o reflexo do nosso trabalho. Esses jovens voltam contando histórias incríveis. Mais de 200 estudantes já participaram de programas de mobilidade acadêmica. O professor Gutenberg Albuquerque Filho, Assessor de Relações Internacionais (ARINTER) do IFCE, tem acompanhado de perto esse processo, que envolve ensino público, gratuito, inclusivo e de qualidade, um ensino que tem ultrapassado as fronteiras nacionais.

E o que o professor Gutenberg ouviu lá fora foi algo como: "Será que esse

estudante vai sobreviver em um país onde a educação é excepcional, de excelência acadêmica?" A resposta é: não só sobreviveram, como se destacaram e se tornaram os melhores alunos das instituições onde estudaram.

Nossa educação tem valor. Ainda assim, há quem ache que o caminho é importar modelos prontos, como o da Finlândia. Claro que há o que aprender, mas precisamos reconhecer o que já fazemos bem aqui no Brasil, no Ceará.

A participação dos professores no processo de internacionalização também é fundamental. Esta participação se dá por meio de publicações em revistas, desenvolvimento de projetos interinstitucionais, participação em processos de mobilidade acadêmica, entre outras ações. E boa parte disso se concretiza por meio da Pós-Graduação.

Nossa Pós-Graduação é jovem. Temos apenas 16 anos nessa área, embora já sejam 115 anos de atuação no Ensino Técnico, Tecnológico e de Graduação.

Nesse período, passamos de um único programa de pós para 17 mestrados e um doutorado. Em breve, teremos mais dois doutorados. Tudo isso exigiu romper barreiras, da mesma forma que os estudantes de famílias de baixa renda precisam superar obstáculos.

Há um preconceito muito grande. E eu não tenho vergonha que esta palavra apareça: "preconceito". Existe um preconceito significativo por parte de alguns órgãos de fomento, porque nós, com muito esforço, conseguimos implementar esses Programas de Pós-

Graduação. Tudo aqui é com muito esforço. Nas outras instituições também é assim. Porque a verdade é:

"Na educação, tudo exige esforço"

A internacionalização do IFCE veio por meio da implantação dos Programas de Pós-Graduação que passam por avaliações de quem, muitas vezes, desconhece a realidade da nossa rede. Por isso, é essencial que sejamos avaliados por pessoas que conhecem nossos *campi* e a comunidade onde estão inseridos.

Quando propomos um curso de pós, olhamos primeiro para as necessidades locais. Aqui, no IFCE, os professores pesquisam. E o corpo técnico também. Isso é resiliência.

Veja um exemplo: um professor escreve um artigo e precisa apresentá-lo fora do país, mas não há recurso disponível. Muitas vezes nos deparamos com recursos limitados para a quantidade de ações que desenvolvemos.

Ainda assim, com ousadia, ele busca alternativas e consegue ir. E quando chega lá, mostra que fazemos pesquisa, que temos tecnologia. Nesse contexto, por mais que o estudante esteja em um curso que lidem com sistemas complexos, como computação quântica ou criptografia de alto nível, esses alunos são, antes de tudo, cidadãos em formação.

Formamos pessoas e defendemos a ideia da Internacionalização com humanidade.

Revista DoCEntes: Como a sua trajetória acadêmica e profissional, especialmente sua experiência

como professor, pesquisador e reitor, tem auxiliado na condução das políticas educacionais e na tomada de decisões à frente do IFCE?

José Wally Mendonça Menezes:

Ao refletir sobre minha trajetória, percebo que, muitas vezes, as coisas aconteceram de uma forma que não compreendi de imediato. Contudo, cada etapa da minha formação pessoal e da minha experiência profissional tem sido fundamental para embasar as decisões que assumo à frente do IFCE.

Quero compartilhar a história de um presidente de um país que, mesmo sem ter tido acesso à educação superior, foi o que mais criou instituições universitárias. Ele sabe, como poucos, o valor da educação porque sentiu na pele a sua ausência. E é por acreditar profundamente nisso que eu, Wally, sigo lutando.

Eu não vim de família rica. Estudei em escola pública. Lembro de comer seis bolachinhas com suco de caju em um copo azul, porque não podia ser sete, eram seis e pronto. Sei o poder que a alimentação tem na vida de um estudante. Saía de casa para estudar e também para poder almoçar ou merendar na escola.

Sei o que é andar uma légua para sentar numa cadeira, que, na minha época, era dividida para dois alunos. Escrevia numa folha de papel que hoje serve para embrulhar pão.

Sei a dificuldade que é pegar um ônibus lotado para chegar ao IFCE. Sei o quanto vale um auxílio para transporte, como aquele que recebi na época da escola técnica.

Sei o que é precisar de uma bolsa de iniciação científica em um laboratório de pesquisa para comprar livros e, assim, ter a oportunidade de continuar estudando. Passei por isso.

Sei como é fazer um vestibular e, ao entrar na sala, perceber nitidamente as diferenças sociais.

Sei o que é lutar para concluir um curso sem dinheiro para xerox, para livros, ou mesmo para passar o dia na universidade.

Sei o que é entrar no mestrado e ser constantemente cobrado, tendo que dar conta de tudo com excelência. Sei o que é chegar ao doutorado e, em algumas disciplinas, pensar: "Não estou entendendo nada. Vou me perder. Vou ser reprovado. Meu Deus! Vou perder a bolsa!"

Sei o que é passar noites acordado estudando para passar em um concurso público. E sei o que é, depois de tudo isso, entrar numa sala de aula como professor e enxergar, nos olhos dos estudantes, o reflexo de quem eu fui.

Essas vivências não podem ser esquecidas. É por isso que esse legado tem, para mim, um valor imenso. Hoje, ocupar o cargo de reitor é mais do que uma função. É uma missão, é vocacional. A luta é diária, manhã, tarde e noite. É o legado que quero deixar, como fizeram os que vieram antes de mim, o de uma instituição que enfrenta e supera seus desafios, promovendo uma educação de qualidade com equidade. Não podemos esquecer de onde viemos.

"E, nesse caminho, nos tornamos luz e inspiração para mostrar que

outros também podem chegar e ir ainda mais longe"

Não com a vaidade que tantas vezes domina o meio acadêmico, mas com humildade e compromisso.

Revista DoCEntes: Quais os impactos e as contribuições do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) no fortalecimento da educação cearense?

José Wally Mendonça Menezes:

Para entender os impactos do NEABI, é importante destacar que o primeiro núcleo criado em nossa instituição foi o de Baturité, iniciativa da professora Anna Erika Ferreira Lima Meireles.

Desde o início, enfrentamos um grande desafio: "Pra quê criar um NEABI?" Essa pergunta é um reflexo de uma sociedade marcada por séculos de exclusão e desigualdade.

A criação do núcleo não foi fácil, foram muitos os obstáculos. Ouvíamos frases como: "Essa turma do NEABI está querendo demais?" Mas a verdade é que estávamos apenas lutando por aquilo que é nosso por direito.

O primeiro grande desafio foi justamente mostrar a importância do NEABI. Hoje, esses núcleos realizam congressos, produzem pesquisas, sistematizam e difundem conhecimentos que contribuem para a equidade racial e para a defesa dos Direitos Humanos.

Além disso, atuam na superação do racismo e de outras formas de discriminação, além de fortalecer a cidadania das populações negras e indígenas do Brasil.

Tenho me empenhado, embora ainda com pouco sucesso, em buscar recursos para ampliar as ações do NEABI, assim como dos núcleos NAPNE (Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas) e NUGEDS (Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual).

Essa ação, desenvolvida pelos Institutos Federais, criados por Nilo Peçanha, o primeiro presidente negro do Brasil, em uma época em que não existiam políticas de acesso, cotas ou inclusão, constitui uma iniciativa importante para a promoção da equidade, da diversidade e da justiça social no âmbito educacional.

Infelizmente, ainda ouvimos frases pesadas e desrespeitosas, como: "Pra quê que essa negrada quer estudar?" Essa pergunta fere profundamente quem tem consciência política, social e estratégica. Dói. Dói na alma, Dói no coração. Nós temos amigos, temos família, temos uma cultura enraizada nas contribuições indígenas e africanas.

"O NEABI existe para mostrar que não somos invisíveis, que existimos e resistimos"

Para afirmar a importância de uma política que muitos ainda rejeitam, inclusive pessoas próximas a nós, que, conscientemente ou não, perpetuam o preconceito. É preciso dizer com clareza: os Institutos Federais e outras instituições têm levantado essa voz.

O governador Elmano de Freitas, por exemplo, foi extremamente feliz ao criar a Secretaria da Diversidade do Ceará, que, salvo engano, foi a primeira do Brasil.

O NEABI tem uma missão: mostrar que todos têm os mesmos direitos e deveres. Outra frase que costumo ouvir e que também carrega preconceito é: "Esses negros estão tomando o nosso canto". Mas me pergunto: "Que canto, se o espaço deve ser para todos, se a oportunidade deve ser igualitária?" Tratar os diferentes com equidade é garantir justiça social. A nossa instituição nasceu para acolher os desvalidos da sorte, os invisíveis da sociedade.

Quer ver um exemplo de quanto ainda precisamos avançar? Como uma pessoa em situação de rua consegue se matricular em uma instituição de ensino? Não consegue. E, no entanto, essa pessoa tem um passado, uma história.

Aquela pessoa que está em situação de rua tem um passado, uma história, mas que por diversas circunstâncias foi parar nas ruas, onde a fome e a violência adoecem a mente e o corpo das pessoas. A pergunta que devemos nos fazer é: como incluímos essas pessoas?

Certa vez, tentei levar o Pronatec, com curso técnico em Turismo, a uma comunidade simples. Ouvi o seguinte comentário: "Como você quer capacitar essas pessoas para o turismo se nem dente elas têm?" E eu respondi: "É exatamente por isso".

A formação profissional foi o primeiro passo. Através dos auxílios, conseguimos viabilizar tratamento dentário. Resultado: esses estudantes montaram, em sua comunidade pesqueira, uma pequena hospedagem para turistas.

Muitos questionam: "Você investiu um milhão de reais em um campus

para ajudar 1, 2, 10, 100 alunos?" Sim. E sempre digo: toda vida vale a pena.

"Toda vitória na educação deve ser celebrada"

Lembro que, aos sete anos, vi um homem descascando um cabo colorido na calçada da casa onde eu morava. Aquela imagem me marcou. Oito anos depois, me matriculei em um curso para aprender a fazer exatamente aquilo. Acredito profundamente na força das experiências.

Esta é a minha experiência de vida. Tive um bom pai, uma boa família, um bom colégio. Estudei neste instituto, cursei a Universidade Federal do Ceará, sou um bom profissional e sigo com as minhas metas pessoais.

O NEABI tem uma linguagem direta, acessível, que busca mostrar a essa sociedade ainda preconceituosa a importância do respeito e da igualdade. Eu sempre digo:

"Não existe voo solo na Educação"

Nós precisamos de muita gente trabalhando conosco para construir uma educação verdadeiramente inclusiva, onde todas as vozes sejam ouvidas, valorizadas e respeitadas.

Revista DoCEntes: Como o senhor avalia a atuação da comunidade local e regional? Na sua percepção, ela tem se mostrado participativa e inclusiva?

José Wally Mendonça Menezes: Sem dúvida. A participação ativa da comunidade é fundamental, e é justamente por isso que o IFCE mantém uma atuação

forte na extensão, promovendo uma aproximação real com a comunidade local e regional.

Um exemplo disso é o Programa Mulheres Mil, que atende mulheres cisgênero, transgênero e/ou travestis vítimas de violência e em situação de vulnerabilidade e risco social. Essas mulheres, muitas vezes, trazem seus filhos para que conheçam o Instituto. É nesse movimento que a extensão ganha ainda mais sentido: ela convida a comunidade a ocupar e pertencer a esse espaço.

Nos cursos técnicos, temos conselhos participativos nos quais os pais contribuem diretamente com a estruturação dos cursos. Quando realizamos consultas públicas para a criação de novos cursos, é a comunidade que nos orienta: Perguntamos: "O que vocês querem? Quais formações fazem sentido para esse território?" É por isso que estamos presentes, com os pés fincados no chão dos territórios.

A criação do Centro de Inovação e Difusão de Tecnologias para o Semiárido (CIDTS) é um exemplo claro dessa atuação articulada. Em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Regional, o centro reúne os *campi* do IFCE de Boa Viagem, Crateús, Iguatu e Tauá.

Estamos presentes junto às famílias, promovendo ações concretas, como, por exemplo, a distribuição de filhotes de ave. Em cerca de três meses, essas famílias já conseguem estruturar pequenos criatórios que contribuem tanto para a alimentação quanto para a geração de renda com a comercialização dos produtos.

"Esse é o verdadeiro espírito da extensão: dialogar com a realidade local e transformar o território a partir das suas próprias potencialidades"

Lembro de uma mãe que teve vergonha de entrar no Instituto porque um dos pares da sua sandália tinha o cabresto branco e o outro azul, e ainda havia um preguinho segurando o cabresto.

Já escutei frases como: "Eu não tenho roupa para entrar no Instituto". São justamente essas pessoas que queremos dentro desta instituição.

Nossos alunos recebem caderno, mochila, garrafinha de água e fardamento. E o que eu escuto? "Professor, a mochila que os estudantes recebem, os pais usam para levar ferramentas de pedreiro." E eu digo: tá valendo porque ser pobre é isso. Muitos pais e mães deixaram de estudar para trabalhar e garantir o sustento da família. Assim, cada conquista de um menino ou de uma menina é, na verdade, uma conquista de gerações.

Às vezes, aquele estudante é o primeiro da família a concluir um curso técnico. O filho dele será o futuro graduado. O neto, quem sabe, será o pós-graduado, o médico, o engenheiro, o prefeito, o governador, o presidente.

Esse é o papel do IFCE porque quem tem fome, tem pressa, fome de educação, fome de transformação, fome de oportunidades.

Revista DoCEntes: Reitor, como o senhor avalia a importância de uma futura parceria com a SEDUC e de que forma o diálogo entre a educação básica e o ensino superior pode contribuir para

o fortalecimento da formação educacional em nosso estado? Além disso, que mensagem o senhor gostaria de deixar para a sociedade e, especialmente, para a comunidade educacional, diante dos desafios e conquistas da educação cearense?

José Wally Mendonça Menezes:
Vou começar pela mensagem, e ela não poderia ser outra: "A educação é um dos maiores instrumentos de liberdade que um povo pode ter".

Acreditar na educação é acreditar na capacidade de transformação pessoal, social e histórica. Sabemos que o caminho não será fácil. Em alguns momentos, o orçamento será curto, obstáculos vão surgir, opressões precisarão ser enfrentadas. E é justamente por isso que ela se chama Educação, porque educar é, essencialmente, um ato de resistência, de superação, de ruptura com o que limita.

A educação rompe muros, quebra ciclos e constrói pontes. Ela não espera. Está sempre em movimento. É por isso que seguimos jovens. Juventude é movimento, é urgência. E a educação vive correndo o tempo todo.

Sobre a parceria com a SEDUC, quero destacar o desejo de aprofundar os laços que já existem. Nós queremos avançar, caminhar juntos, ampliar as ações, mas é importante reconhecer que tanto o IFCE quanto a SEDUC têm seus próprios limites institucionais e operacionais. Ainda assim, acredito que há um espaço fértil de cooperação que ainda não exploramos por completo.

Um dos maiores sonhos que carrego, e que venho tentando

tornar realidade, ainda sem sucesso, é a união real e estratégica entre as nossas redes. Não somos concorrentes. Pelo contrário, somos aliados na missão de formar cidadãos críticos e seres humanos éticos.

Imaginem os alunos do IFCE e das Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEP) da SEDUC desenvolvendo projetos em conjunto, utilizando os laboratórios de ambas as instituições, trocando experiências, saberes e práticas.

Imaginem se pudéssemos criar disciplinas integradas, compartilhadas entre os currículos do IFCE e das EEEP, promovendo uma verdadeira sinergia entre as redes. Esse é um sonho que tenho carregado comigo. Talvez eu não consiga realizá-lo por completo. Mas sigo tentando.

**"Eu, Wally, sigo buscando
construir essa ponte porque
acredito que a educação corre,
mas também aproxima. E
quando corre junto, ela chega
ainda mais longe"**

Finalizo agradecendo a cada educador, estudante, gestor e parceiro que diariamente acredita no poder transformador da educação.

Que sigamos firmes, caminhando juntos, com diálogo, respeito e compromisso com o futuro do nosso estado, do nosso país porque quando unimos forças, não apenas ensinamos, nós transformamos vida

**Dra. Rosilene Aires
Dra. Suiane Costa Alves**